REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL DE TURISMO, PROPAGANDA, VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA *REVISTA DE TURISMO*

LISBOA, 20 DE MAIO DE 1917 — ANO I — N.º 22

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO.....	1$00	BRAZIL	
SEMESTRE .	$50	ANO.....	7$000

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA*

O TURISMO NA PROXIMA PAZ

BASTANTES vezes aqui temos feito notar quão elevado póde ser o nosso papel depois da paz, no que toca ao turismo, e ainda ha pouco tambem n'esta revista, Magalhães Lima disse, que a preparação para a paz é mais importante que a nossa preparação para a guerra.

Estamos pois em absoluta concordancia com o grande tribuno. E pena é, que pouca mais gente enfileire na nossa maneira de ver.

Todos nos preocupamos com o dia de hoje, ninguem alongando as vistas até ao dia de amanhã.

Tudo permanece n'uma apathia, que revolta, e que faz desfalecer o animo de trabalhar com intransigencia.

A America do Norte, paiz das grandezas phantasticas, na opinião de muita gente, acaba de entrar na lucta mundial, e por outro lado, prevendo a paz que se aproxima, talvez a passos agigantados, prepara já excursões á Europa, tendo uma só agencia, ao que dizem os jornaes americanos, tomadas 150.000 passagens para o theatro da guerra.

Não se pense ser isto uma noticia bombastica da America, pois o espirito de sensação que domina no cerebro dos americanos, dará certamente muito maiores contingentes de forasteiros, ávidos de espectaculos emocionantes.

Na propria França, ha já um sem numero de agencias que tratam de facilitar excursões ao theatro do conflito logo que a paz, disponte no horisonte.

Essas agencias tratam de se relacionar com os sindicatos de Turismo, de todo o mundo, para que a corrente de viajantes seja o mais elevada possivel.

As companhias de caminhos de ferro francezas, as linhas de navegação, tratam tambem já de organisar programas, estando nós ainda n'uma fase aguda, senão a mais aguda, do conflito.

Na visinha Hespanha os caminhos de ferro, teem feito ultimamente progressos colossaes, já reforçando as suas linhas, já construindo material de passageiros, despesas essas feitas a peso de ouro, mas na mira de tirarem um proveitoso resultado no turismo após a guerra.

As companhias principaes, como sejam o Norte de Hespanha e Madrid-Zargoza-Alicante, logo que a paz venha, acelerarão os seus comboios—se bem que actualmente tenham já marchas muito rapidas—e ainda novos trens serão criados, em que o seu optimo material dará grande conforto aos passageiros.

Entre nós o que se tem feito?

Nada, ou quasi nada. A nossa industria ferroviaria, tributaria de materias extrangeiras, permanece em pasmosa apathia, ficando apenas, em boa vontade, o desejo das Direcções de caminhos de ferro, em melhorar os seus serviços.

A Companhia da Beira Alta, lá vae, com lentidão, construindo novas carruagens, que diga-se de passagem, alguma coisa é; outras Direcções ferroviarias, tambem ultimamente construiram alguns novos vehiculos, mas tanto umas como outras, não poderão fazer mais de dois ou trez comboios com o material construido.

Será um erro dizer, que, uma vez que a nossa parca industria, não póde arcar com a construção de novos vehiculos, se faça uma transformação do material antigo com uns ligeiros arranjos; a instalação de uma retrete, um corredor lateral, e outros melhoramentos de pequena despesa?

Parece-nos que não.

A companhia da Beira Alta, já assim o resolveu, pois tem já algumas carruagens antigas desfeitas, e outras a reconstruir, que pelos projectos que tivemos ocasião de ver, fica um material bastante elegante e confortavel. Porque não o hão-de fazer as outras empresas?

Informam-nos que algumas companhias anceiam pelo fim da guerra, para fazerem grandes encomendas no estrangeiro de vehiculos de passageiros. Mas se atendermos ao estado em que se encontram as linhas francezas e belgas, só muito tarde se pode contar com novos vehiculos para as nossas linhas ferreas.

Parece-nos pois, melhor, tratar de reformar o material existente, de efeito imediato que esperar por futuras construções.

E, já o aqui dissemos, as nossas linhas hão-de transportar, n'um futuro proximo, tão elevado numero de passageiros que o material moderno será pouco, pouquissimo para esse efeito.

Porque não é só nas linhas directas a Paris e Madrid, que hade haver afluxo de passageiros, pois quer á ida, quer á volta, alguns passageiros curiosos, hão-de aproveitar o ensejo para visitar as nossos pontos pitorescos; e a propaganda que em breve a casa Gaumont vae fazer das nossas paisagens e monumentos, atravez de todos os animatographos do mundo, hade concorrer poderosamente para uma longa visita de viajantes aos pontos cinematographados.

Outros assumptos ainda desejariamos tratar para o mesmo fim, mas deixa-mo-los para outro artigo.

AS FEIRAS EM LISBOA

SEGUNDO o antigo costume, deve em breve inaugurar-se um dos divertimentos predilectos da maioria dos habitantes citadinhos: *a feira de Santos*.

In illo tempore, a primeira feira que se realisava era (se não estamos em erro) nos terrenos d'Alcantara; d'ahi passava para Belem, acabando, por fim, no Campo Grande.

Todavia n'essa época, a concorrencia era relativa; e a não ser durante o periodo em que funccionava junto das portas d'Alcantara, sitio mais accessivel aos lisboetas, a affluencia dos visitantes a Belem ou ao Campo Grande, fóra de certos dias, era diminuta.

Surgiu, porem, um dia a celebre *Feira Franca* que fazia parte do programma das festas do centenario de Vasco da Gama, a qual não só pela centralisação do local onde foi installada, como, tambem, pela sua originalidade em o nosso meio, foi coroada com um exito acima de toda a espectativa. Realmente era uma exposição interessantissima, onde se encontravam representadas, n'uma bem cuidada disposição, as nossas industrias regionaes, a par de exquisitos e pittorescos divertimentos; o que levou aos campos da Rotunda da Avenida, durante o tempo da sua exhibição, farta e mixta concorrencia.

Nasceu, depois, a idéa de se fazer n'esse local e durante o mez d'Agosto, uma feira annual, diversa d'aquella, mas no simples intuito de se aproveitar a corrente de forasteiros que ali tinha sido attrahida pela *Feira Franca*, embora a sua organisação, programma e fins fossem muito diversos.

Ao cabo de muitas reclamações e insistentes pedidos, conseguiram os feirantes que a Camara Municipal désse o seu consentimento para esse fim, o que constituiu o golpe de morte nas feiras de Belem e do Campo Grande; e ha cerca de dez annos, a feira installada primitivamente em Alcantara, passou, depois do mez de Julho, a ser trasladada para a Rotunda da Avenida, com o pomposo nome de *Feira d'Agosto*, dilatando-se quasi sempre até fim do mez d'Outubro, *terminus* do periodo d'essas festas, positivamente lisboetas.

Não é, porem, nossa intenção descrevermos, n'este singelo artigo, a historia das feiras em Lisboa, desde a sua origem—que remonta quasi á era da *edade primitiva*—até nossos dias; e o que acima fica exposto constitue, por assim dizer, um preambulo ao nosso principal fim, que é a apreciação geral d'esse facto como factor economico e social.

No que respeita, pois, ao objectivo das feiras em Lisboa, apenas um se nos afigura, d'uma forma generica, como primordial e unico, que é o interesse dos feirantes.

De facto, visitando-se qualquer das suas exhibições, tanto em outros tempos, como agora—quer em Santos ou no Alto da Avenida, nunca se colheu outra impressão que não fosse a do interesse exclusivo de quem, geralmente, aguarda com enthusiasmo a época propria d'esses *certamens*, para usofruir, de qualquer modo, os resultados d'uma verdadeira exploração. Dir-se-hia que o nome de *Feira* dado com propriedade a um agglomerado de commercios em sitio reservado na capital d'um Paiz civilisado, imporia restricções que obrigariam um especial caracteristico e uma relativa importancia ao programma a que ella deveria obedecer; e seria justo presumir-se que, simultaneamente com alguns divertimentos originaes e com diversas distracções para os espiritos pouco dados ao estudo e apreciação dos interesses das nossas industrias, se produzissem verdadeiras exposições dos productos regionaes portuguezes, que d'esta forma aproveitariam um explendido ensejo de se tornarem conhecidos... dos portuguezes.

Seria, assim, uma coisa de manifesta utilidade e que nos engrandeceria.

A nosso vêr, este é que deveria ser o criterio a seguir, muito principalmente para a installação da feira annual no Alto na Avenida. As vantagens immediatas e os resultados praticos que d'ahi poderiam advir, só se egualariam com a sua importancia economica e social, cuja influencia muito favoravel nos seria.

Não pretendiamos que a feira de Agosto se assemelhasse á feira de Lyon ou a qualquer outra de identico renome; bastava-nos que, apenas, n'ella figurassem, sob a mais cuidadosa distribuição, com um conscencioso methodo e largamente representados, os productos industriaes das nossas diversas regiões e os das artes e officios portuguezes.

D'esta sorte, alem de se proporcionar a esses trabalhos uma opportunidade para a sua exposição, revelariamos a nacionaes e estrangeiros o emprego de uma grande parte da nossa intelligencia e actividade que, até para muitos portuguezes, é ainda completamente desconhecido. N'essa feira poderiam ter logar em barracas artisticamente estylisadas, os preciosos tapetes d'Arrayolos, as inconfundiveis faianças das Caldas, as primorosas rendas de Peniche e de birros, os interessantes barros de Extremoz, as saborosissimas doçarias do Algarve, de Coimbra, de Torres, de Alfazeirão, de Aveiro e de Cintra, os fructos das nossas provincias e ilhas, alem d'uma exposição mixta de pintura, escultura e ceramica, em fim—tudo o mais que se pudesse conjugar com a indole e caracter a que devia obedecer, e que tivesse o cunho propriamente nacional.

Por certo semelhante attractivo traria á nossa Cidade um numero consideravel de forasteiros, que todos os annos esperariam com enthusiasmo essa época para visitarem a Capital; o que, tambem, em larga escala, beneficiaria o nosso commercio, hoteis, theatros, cinematographos, etc.

Crêmos sêr este um alvitre que bem poderá ser aproveitado—talvez—pela Repartição de Turismo, pois pensamos que a organisação annual d'um certamen d'esta ordem está dentro das suas attribuições, que facilmente se pódem conjugar com os interesses citadinhos, confiados á administração da edilidade lisboeta.

Assim se acabaria com a já celebre *Feira d'Agosto*, successora da de Santos, cujo principios, meios e fins não se justificam, nem se podem, por isso, consentir por mais tempo na capital d'um Paiz que quer, á viva força, sêr tido, considerado e apreciado como fazendo parte integrante da civilisação europeia, não obstante conservar ainda dentro dos seus limites bastos motivos que lhe dão um aspecto de barbarismo pouco consentaneo com as suas legitimas aspirações.

Necessario se torna, pois, que se acabe com a inesthetica e pouco salutar *feira d'Agosto*, que nada representa e que valór algum tem, e que em sua substituição se faça annualmente, no mesmo local, uma verdadeira feira, instructiva, util e pratica, aprazivel para a intelligencia e para o espirito e proveitosa para o individuo e para a sociedade.

Esse agglomerado de toscas barracas, que representam a actual feira d'Agosto onde se alberga o vicio e a perdição, onde se definha o caracter e pollue o sentimento, a par de espectaculos canibalescos para a attenção dos quaes se empregam os mais selvagens e incommodativos ruidos, é que deve terminar para nosso bom nome.

Deixamos, pois, aqui exposto o nosso alvitre, e oxalá as instancias competentes o aproveitem quanto elle possa ser proveitoso.

J. L.

ARTE E LITERATURA

PENAS

DE *Fernando Caldeira*

Como diferem das minhas
As penas das avesinhas
Que de leve, leva o ar!
As minhas pesam-me tanto
Que ás vezes já nem o pranto
Lhes alivia o pesar.

O passarinho tem penas,
Que em lindas tardes amenas
O levam por esses montes,
De colinas em colinas,
Ou nas extensas campinas
A descobrir horisontes.

Com elas vive folgando;
Tem penas, apenas quando
Alguma pena lhe cae;
Mas a essa pena afaz-se
Entretanto a outra nasce.
E tudo esquece e... lá vae.

E as minhas penas não caem,
Não voam nunca, nem saem
Comigo desta amargura!
Mostram-me apenas na vida
A estrada já conhecida,
Trilhada dos sem ventura.

Passam dias, passam mezes,
Passa o ano muitas vezes,
Sem que uma pena se vá!...
E se alguma vae mais pequena,
Ao depois nem vale a pena
Porque mais pena me dá.

São bem felizes as aves!
Como são leves, suaves,
As penas que Deus lhe deu!
Só as minhas pesam tanto!...
Ai! Se tu soubesses quanto! ..
Sabe-o Deus e sei-o eu.

CANTARES

DE *GAMO*

Meu amor, os olhos teus
De tão negros que eles são,
Puzeram luto nos meus
Vejo em tudo escuridão.

Duas amoras maduras
São teus olhos divinaes.
Tambem em noites escuras
As estrelas brilham mais.

Se a lua, que já te odeia
Tivesse olhar tão brilhante,
Não tinha quarto minguante
Era sempre lua cheia.

O TURISMO EM PORTUGAL

COISAS VARIAS

Já que a nossa attenção se concentrou na analyse das anomalias que se encontram na zona do Caes do Sodré, vamos registar ainda uma outra, que merece reparo egual ao que fizemos, nos numeros anteriores, pelas installações genuinamente originaes que se admiram n'esse limitado circulo.

Não o escolhemos propositadamente para começo da nossa analyse. Quiz, porem, a sorte que lhe dedicassemos a primazia dos nossos artigos, talvez pelo facto de ser um ponto quasi obrigatorio de passagem para os estrangeiros que, na visita ao nosso Paiz, se façam transportar pelo mar.

Ora, alem do que já mencionamos e de muitas outras coisas, embora de somenos importancia, que se disfructam no começo da Rua 24 de Julho, uma outra ha que tambem merece especial registo:—é a estação de partida na linha de Cascaes, vulgo *do Caes do Sodré.*

Aquelle barbaro edificio que dá ingresso aos passageiros da mais linda linha urbana, é simplesmente uma vergonha. Ninguem acreditaria, se se contasse, que proximo do coração da cidade, n'um local de enorme concorrencia e servindo de testa a um ramal da importancia do de Cascaes, se tolerava aquelle pardieiro, que nem ao menos tem a originalidade de ser asseiado... E, todavia, por alli passam, na estação balnear, os representantes diplomaticos extrangeiros, a aristocracia, tudo emfim, até mesmo os administradores da propria Companhia, que ao atravessa-lo não sentem ruborisar-se-lhes as faces...

— Que tristeza!...

Como tudo, n'este Paiz, que apenas depende da vontade do homem, manifesta exhuberantemente a tempera de que elle é formado!

Que motivos imperarão ainda para que não se substitua aquelle feio barração por um edificio condigno?

— Será para se não obscurecer mais a minuscula estatua levantada ao Duque da Terceira?

— Será para não tirar o sol ao edificio da assistencia publica? ou para, por visivel semelhança, se perpetuar a memoria da «Flor do Tejo» essa barraca de banhos que, durante annos, ancorou n'aquella paragem?

— Será, ainda, para que do Hotel Central se possa gozar o vasto panorama do Tejo immenso e das suas encantadoras margens? ou para que nos convençamos e convençamos os extrangeiros de que somos muito... pequenos?

E' inconcebivel a razão d'essa preciosa existencia.

Seja, porém, qual fôr, nenhuma sobrelevará a da propria dignidade e do proprio decoro.

Torna-se um acto humanitario qualquer campanha que se levante na imprensa para acabar com o aspecto marroquino que apresentam alguns bairros da nossa primeira Cidade; e seremos nós os arautos das hostes que nos acompanharem n'essa bemdita cruzada, sob pena de falsearmos o programma que impuzémos á *Revista de Turismo.*

Se a nossa voz ainda é debil, ella tanto ha de échoar que outras virão, depois, pressurosamente, fazer côro nas nossas justas reclamações. Permitta, porem, a Fortuna, que esse auxilio não seja tardio e que, então, em vez de reclamarmos a execução dos beneficios que se impõem á esthetica e belleza da capital, tenhamos que cantar o *de profundis,* por a tempo não termos *preparado a casa para recebermos os nossos hospedes,* como, quasi desde o primeiro numero da nossa Revista, vimos reclamando.

— Longe vá o agouro, e temos esperança que todos os bons patriotas e que devotadamente amam a sua Patria, hão de consagrar a sua melhor vontade ao aperfeiçoamento da excelsa com que o Creador distinguiu o nosso incomparavel Paiz.

Assim seja.

JOSÉ LISBOA

EXPEDIENTE

Bem contra nossa vontade, a REVISTA DE TURISMO sae mais uma vez atrazada. Essa falta é, sómente, devida á resolução ultimamente tomada pela Companhia do Gaz, em deixar de fornecer energia não só para a illuminação como para a laboração das pequenas industrias.

Não nos compete nem é nosso intento apreciar o caso; apenas o registamos, guardando as nossas considerações, para a intelligencia do leitor, dado as circunstancias que o envolvem.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, Largo da Abegoaria, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Figueira da Foz.

PAISAGENS PORTUGUEZAS

O ESTORIL CHEIO DE SOL E DE ROSAS

NUMAS d'estas doces manhãs de Maio alonguei os passos até ao Estoril, atrahido pela maciêsa da manhã e pelo sol que refulgia sobre o casario da cidade, como n'uma visita de saudade, depois de uma semana de trovoadas e de aguaceiros.

Chamam ao nosso paiz, a terra do sol, e nada mais justo para com o adorado Phebo, nem para o nosso solo bemdito.

E vivemos nós tão ligados ao sol, que se ele nos falta por uns dias, vae-se-nos toda a nossa alegria, todo o nosso bom humor, e toda a nossa felicidade. Mas, se após trez dias de tempestade, ele nos aparece o a sorrir ás portas doiradas do oriente, dá-nos logo vontade de abalar para junto das coisas da Natureza, expandir as tristezas de trez dias de ausencia dos raios acariciadores do sol amigo.

E foi assim que ha dias, na doçura da manhã que subia, que eu fui até ao Estoril, sem outro motivo que não fosse deixar as ruas tristes de Lisboa enlameada, e ir até junto da Natureza, forte e vivificadora.

O comboio, a abarrotar de passageiros rolava com lentidão, com paragens domoradas e buliçosas nas estações, onde despejava bandos alegres de crianças a sorrir, sob chapeus á verão, caixeiros endomingados, criadas de aventaes brancos, e velhas matronas, que tambem iam arejar e aquecer-se ao sol doirado d'este maio florido.

Uma hora depois, curta e alegre, apeava-me no Estoril, e ao entrar nas ruas claras e festivas da nossa Riviera, a passarada que sacudia os ramos do arvoredo alto, dão-me as boas vindas e os canteiros macissos de verduras e de rosas, dos parques dos *chalets* suissos, embalsamam-me a alma n'um doce perfume que enebria e dulcifica.

CASINO INTERNACIONAL – EXPLANADA MARIA PIA
UM TRECHO DA PRAIA

As rosas são em tal profusão, que matisam todos os canteiros, formam gradeamentos, armam sanefas nas janelas, pendentes dos gradeamentos das sacadas occupam o lugar de colchas, em dia de festa; e outras reverentes em vasos nos topos das escadas dos *chalets*, tomam o aspecto de escudeiros, curvados á passagem dos visitantes.

Nos jardins entre os lyrios, brancos e hirtos, erguem-se, em hastes leves e buliçosas, rosas entreabertas, brancas como noivados, ou rubras como risos de crianças, e ás vezes sacodem-se em tão desesperado balançar, que parecem querer desprender-se e abalar. Mas, ao pé d'elas, graves como mamãs, estão outras rosas rigidas e solemnes, largas e vermelhas, como em guarda aos seus desatinos.

E cada vez que o sol libertando se de uma nuvem passageira, assesta os raios nas rosas mamãs, a outras param da folia, para receberem nas suas pétalas os olhares reprehensivos do doirado Phebo, mas o vento doidivanas assopra logo e elas retomam a folia languida, esquecidas dos olhares graves, da mamã, dos lyrios castos e dos malmequeres, enigmaticos como rodas da fortuna.

Pelo Estoril florido, ha sempre o mesmo vergel de rosas, o mesmo ambiente perfumado, e a mesma luz do sol que acaricia e fecunda.

Um automovel que passa, são flores que revestem a sua gravidade, aos molhos, a esmo; uma carruagem que trota, transportando rostos delicados e meigos de mulheres portuguezas, de corpos delgados e flexiveis, são braçados de rosas que lhe enchem o regaço; crianças que cruzam, alegres, desprendidas, são flores, rosas, lyrios, malmequeres, em molhos desageitados, que elas apertam ao peito como bonecas quasi da altura d'elas.

*

E em comtemplações demoradas assim se passa a manhã, a tarde, a vida inteira; sem que os passos se apressem sem que o espirito se enfade.

Depois, á tardinha, com o sol a descer, pela estrada da Boca do Inferno, entre os parques pujantes de vejetação, ainda rosas espreitam pelos gradeamentos como a dizer-nos: Aqui

estamos, aqui estamos; e coitadas na solidão da gravidade dos pinheiros, redondos como guarda-chuvas colossaes, pendem para o caminho como a oferecerem-se, lembrando morgadinhas debruçadas das gelosias estendendo os labios frescos e rosados, ao cavaleiro amado.

Mas ainda junto aos fragaredos da Bocca do Inferno abrigadas aos muros das quintas, rosas bravas alegram aquela tristeza sem que ninguem as contemple, e as adore.

E essas, no seu abandono, recebem ainda a visita de um carreiro mau, que lhe atira para cima as rodas da carroça, que elas beijam e perfumam.

E, já noite, ao regressar a Lisboa, com a alma satisfeita e reconfortada com o subtil aroma espiritual das rozas, e do sol bemdito que n'uma tão grande adoração polvilha de oiro a nossa terra, tive ensejo para vêr como o nosso povo, bom e sentimentalista, adora a Natureza, pois o comboio que me trouxe até ao Caes do Sodré, transportou tantas flores que mal n'ele cabiam. Eram canastras, eram cestos, eram molhos, eram braçados de rosas, que toda a gente trazia, que até tornavam o ambiente irrespiravel.

Bancos, corredores, plataformas, prateleiras, desappareciam sob macissos de flores, e no meio de tal profusão, eu lembrava para mim como Portugal é lindo, e a minha alma bemdizia aquelas crianças que transportavam flores, e aquele sol que lhes dava vida e frescor.

GUERRA MAIO

Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.

IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE TURISMO

FAZ agora precisamente seis annos que um facto da maior grandeza na nossa vida social teve logar n'este ridente canto do occidente da Europa: foi a reunião do IV Congresso Internacional de Turismo, realisado não só com bastante brilhantismo, mas tambem com não menos explendor do que as sessões precedentes.

Raul Fabri

A. de Vasconcellos Correia

M. Emygdio da Silva

Manuel Roldan

Dr. Fernando Emygdio da Silva

defeza calorosa d'essa idêa, feita por M. Fabri, representante, n'esse congresso, da Companhia dos Caminhos de ferro Portuguezes, em vista das circumstancias que, então, se produziram no nosso Paiz.

Não cabe n'esta singela noticia a apreciação dos resultados praticos que auferimos por esse facto, tanto mais que a situação creada em todo o Mundo pela pavorosa guerra que, ha perto de trez annos, vem devastando os campos da Europa, tem sido o obice á efectivação de consequencias que, sem duvida, se teriam manifestado d'uma forma favoravel para Portugal. Crêmos, todavia, que quando se normalise a vida mundial, o nosso Paiz ha de sentir os beneficios resultantes d'esse facto com tanta maior intensidade quanta fôr a persistencia que empregarmos para os fazer valer.

Não podemos, porem, deixar de salientar aqui o nome, a tantos titulos illustres, do Sr. Engenheiro José Fernando de Souza, que foi o primeiro delegado portuguez, como representante da Sociedade Propaganda de Portugal, no Congresso promovido pelas «*Sociétés de Tourisme des deux versants des Pyrénées*, que teve logar em S. Sebastien, no dia 4 de Outubro de 1909. Foi

ESTORIL - CHALET PALMELA

A escolha da nossa cidade para a realisação d'esse congresso, foi decidida na sessão do III Congresso, que teve logar em Toulouse, em Outubro de 1910, para o que muito contribuiu a

devido á sua alta influencia e ao seu valiosissimo prestigio, que Portugal conseguiu ser incluido na Federação dos Syndicatos d'Iniciativas dos Pyreneus, o que representou uma grande distincção para o nosso Paiz, confirmada depois na realisação, em Lisboa, das sessões do IV Congresso Internacional.

Não devemos, tambem, deixar de assignalar que a organisação d'esse Congresso foi incumbida á Sociedade Propaganda de Portugal, tendo sido para esse fim por ella eleita uma grande commissão de que fizeram parte representantes do Governo, Camara Municipal, Bancos e Companhias de Caminhos de ferro e das principaes Associações de Lisboa, á qual serviu de Secretario o Sr. Manuel Emygdio da Silva, que, tambem muito tem contribuido para a implantação e desenvolvimento do Turismo em Portugal.

Rememorando essa feliz data, pela coincidencia d'este numero da «Revista de Turismo» se publicar precisamente seis annos depois que os delegados deram começo ás excursões que se seguiram ás sessões do Congresso, fazemos os mais enthusiastas votos e empregaremos a nossa humilde cooperação para que o Congresso franco-hispano-portuguez volte a reunir-se na nossa Capital, e que d'elle nos resultem as vantagens que por direitos nos são devidas.

Como singela homenagem da nossa «Revista» inserimos os retratos de M. Fábri e do sr. Manuel Emygdio da Silva, bem como de tres dos principaes membros da grande commissão organisadora do IV Congresso. Sr. Manuel Roldan, Vasconcellos Correa e dr. Fernando Emygdio da Silva.

PEQUENOS HOTEIS

Como prometemos no nosso ultimo numero, damos hoje a these do nosso Redactor Principal, ao Congresso Hoteleiro, que se realisou em 28 e 29 de abril ultimo.

HÁ entre nós, infelizmente, uma larga tendencia para a grandiosidade. A nossa preocupação é querer imitar o que de importante existe lá fóra, ninguem dando o menor interesse ás pequenas cousas, sem pensar que é de pequenos factores que se faz o grande progresso.

Se a par dos grandes hoteis, como seja o do Estoril, em construcção, o que representa um extraordinario rasgo de audacia, e o Vidago-Palace-Hotel, outra iniciativa tambem arrojada, não tivermos pequenos hoteis, pensões e até mesmo modestos restaurantes junto de pequenas localidades, não se poderá falar de turismo na nossa terra.

Os hoteis de luxo são o grande reclamo para turistas que exigem um conforto superior, mas como estes necessitam de viajar pelo paiz á procura de paisagens e monumentos, precisam encontrar nas pequenas localidades, onde vão jantar ou dormir, uns hoteis, modestos é claro, mas em que o asseio não brilhe pela ausencia.

Em regra, esse viajante de luxo, fora dos grandes hoteis, satisfaz-se, quer seja num local de entroncamento de caminhos de ferro, ou em pequenas localidades de turismo, com uma cama macia, num quarto confortavel, rigorosamente asseado.

E', pois, preciso que os pequenos hoteis já existentes junto dos caminhos de ferro, e outros que venham a construir-se, sejam dotados das comodidades necessárias para que o viajante se não enfade e não faça uma má propaganda de tudo o que viu e de tudo o que encontrou.

Pode a paisagem ser linda, pode o castelo que vai visitar ter em cada pedra uma pagina de historia, que o mau estar do turista, proveniente do péssimo alojamento, jámais desaparecerá.

Temos uma infinidade de aguas thermaes em exploração, qualquer d'elas com optimas condições therapeuticas, e situadas em locaes aprazíveis, que muito se recomendam ao viajante. Mas afora meia duzia de maior concorrencia, as outras não tem um hotel que se possa recomendar.

E' fora de duvida que as pequenas thermas espalhadas por esse paiz, nunca poderão ombrear com o Vidago, com o Gerez, com Entre-os-Rios, e com outras de igual renome, mas nem por isso deixam de ter direito a uma razoavel concorrencia de viajantes, uns movidos pela curiosidade e outros pelos mil e uns motivos que obrigam a passagem por lá.

Ha cidades e vilas de pequena importancia, mas que tem um castelo, um ponto de vista, um monumento, que convida o viajante a ir até lá ver e admirar, e ainda outras terras sem nenhum d'esses atractivos, mas que são situadas em logares obrigatorios de passagem, e que se tiverem uns hoteis razoaveis terão ahi, sem favor, um dos seus melhores factores de progresso.

Eu não vou exigir que se construam de novo, nessas localidades, hoteis nem restaurantes, porque receio que os organizadores d'uma empresa que se abalançasse a semear hoteis por esse paiz fora, gastassem uma independencia em papel e formalidades e nada conseguissem.

Bastará que os hoteleiros, já estabelecidos, melhorem as suas instalações e a sua mesa. Alguns conheço eu, que empregam tão boa vontade em transformar os seus hoteis, que os tornaram capazes de receber uma clientela exigente.

D'eles citarei o Hotel Valenciano, em frente á estação de Valença do Minho, que pode ser tomado como modelo para os pequenos hoteis do nosso paiz, se bem que haja outros em iguais circunstancias.

Parece-me, pois, a melhor forma de transformar e construir os hotéis e restaurantes em questão:

HOTEIS DE ENTRONCAMENTOS

Estes hoteis devem ter quartos estucados, sem relevos nas paredes nem no teto, vidraças de abrir para os lados (sendo as janelas baixas, não devem ter bandeiras). Portas e alizares lacados de branco. Camas de ferro pintado de branco, colchão de arame ou de palha de milho, mas muito macias. Almofadas, duas em cada cama, sendo para uma pessoa, e quatro para duas, todas rigorosamente de sumaúma.

As janelas não devem ter cortinas de qualidade alguma, apenas estores e estes laváveis. O resto do mobiliario do quarto deve ser leve e as cadeiras sem estôfo. O hotel deve ter mais uma pequena sala de leitura, casa de banho e *retrete* com autoclismo.

A sala de jantar não deve deitar para pateos ou edificios de mau aspecto; sendo impossivel retira-la d'estes sitos, devem as janelas ter vitraes ou vidros foscos para livrar os hospedes d'uma vista desagradavel.

As vidraças devem ter bandeiras de abrir para arejar a sala.

Nas paredes da sala de jantar e nos quartos não deve haver quadros nem cartões com vistas de qualquer especie.

HOTEIS THERMAES

Se aqueles hoteis representam um grande papel na comodidade exigida pelos viajantes, e no desenvolvimento do turismo, dando aos seus exploradores uma larga remuneração, estes tambem tem parte importante no mesmo factor de progresso; por isso os seus proprietarios devem empregar todo o cuidado na transformação, para que a clientela se multiplique e as thermas se desenvolvam, que nelas está uma das mais fortes receitas do paiz.

Os hoteis das thermas de pequena importancia, devem ser construidos proximo do edificio balnear, em sitio aprazivel e com bons horizontes mas fora da vizinhança de tabernas e outros estabelecimentos de mau aspecto.

Os quartos devem ter todos janelas amplas, deitando para fora, estuque branco sem relevos, etc., como ficou dito para os hoteis de entroncamentos.

A' sala de jantar, deve deitar para o jardim, e na falta destes para os campos, nunca para pateos, ou para a estrada; as paredes devem ser pintacas duma côr clara, e não devem ter quadros, nem mesmo vistas, pintadas nas paredes, pois que não sendo de auctor afamado o efeito é sempre detestavel.

Apesar de estar o hotel numa estancia balnear deve ter casa de banho, para que os hospedes, não podendo por qualquer motivo ir ao balneario, não sejam privados do seu banho.

Pela mesma forma, havendo casino nas thermas, o hotel deve ter uma pequena sala para reunião de senhoras.

Isto, é claro, é para os hoteis a construir, nos já construidos deve-se observar os mesmos preceitos, para a sua transformação, tornando-os de maneira que os hospedes não tenham saudades das suas casas.

Nos corredores não se deve conservar malas, nem qualquer outro objecto que dificulte a passagem.

HOTEIS-RESTAURANTES

São estes tambem de grande utilidade para os turistas que vão a uma terra visitar monumentos, que ali passam de automovel, ou que por qualquer circumstancia são obrigados a tomar refeições.

Nestes hoteis-restaurantes deve-se observar com principal cuidado o serviço de mesa e de refeições ligeiras, sendo em locaes d'uma concorrencia muito irregular devem ter de preferencia, alimentos de maior conservação, como seja: fiambres, salames, conservas, doces de compota, bolos secos, vinhos engarrafados de varias procedencias, etc.

Quanto a instalação deve ser observado o mesmo preceito dos hoteis já referidos, e alem dos quartos, devem ter um ***toilette*** para homens e outro para senhoras, onde haja vários objectos para asseio dos viajantes. Isto é preferivel ao quarto de dormir que é em regra oferecido ao hospede para se escovar e lavar, e onde ha apenas um espelho e um regador vazio.

CANTINAS

Tambem não deixa de ser util ao viajante, e remunerador ao seu proprietário, em locais de pequena concorrencia as cantinas para venda de doces e onde se pode tomar chá, café, leite, refrescos, gazosas, etc.

E' certo que tudo isto se encontra por êsse paiz fora, mas em casas de mau aspecto e de concorrencia um tanto duvidosa.

N'estes pequenos ***bars*** deve ser observado com todo o rigor os preceitos de hygiene.

E' tambem indispensavel, que tenham um pequeno *toilette* para que os passageiros possam lavar-se e as senhoras descansar.

CRIADOS

E' este um ponto essencial para o bom exito da exploração d'um hotel.

Não se pode exigir criados educados em escolha própria, como lá fora, por não as termos, mas é preciso que quem actualmente desempenha êsse logar, se corrija d'alguns defeitos que, quando outra coisa não façam de peior, dispõem mal o hospede.

Em regra o nosso criado, e nomeadamenta o oriundo da Galiza, só trata com o hospede com um sorriso fingido nos labios a que dá mais atenção que ao que ao que o freguez lhe recomenda.

Essa ***bajolice*** dá sempre para o hospede um efeito contrario.

Para mim prefiro mil vezes a forma digna e altiva com que um soldado fala ao seu superior ao servilismo do criado do hotel.

Outra cousa que exaspera o hospede é a negregada casaca, que o criado veste, em regra cheia de nodoas e lhe fica curta nas mangas, que se torna muitas vezes d'um efeito repelente.

E' preferivel n'estes pequenos hoteis, um fato preto, ou no verão a jaleca branca, á hedionda casaca.

O creado do hotel deve usar da maior atenção, e diligência para com o hospede, e deve sobretudo manter uma linha de dignidade nos seus actos.

Julgo já ter dito muito para a melhoria dos pequenos hoteis, e oxalá, as minhas palavras fôssem ouvidas, com o que certamente muito teriam a lucrar os hoteleiros, o turismo nacional, a mais pujante fonte de receita para a economia abalada da nossa terra.

São pois as conclusões que seguem que eu tenho a honra de apresentar:

1.ª Em cada ponto de entroncamento de caminhos de ferro, ou povoação de cruzamento de estradas importantes, deve haver um pequeno hotel confortavel e hygienico.

2.ª Nas thermas, alem dos grandes hoteis já existentes, deve haver outros modestos como os da conclusão 1.ª.

3.ª Convem que em pontos de simples paragens os hoteis tenham um pequeno restaurante, ***toilette***, ou uma pequena cantina, onde haja serviço de chá, lanches, doces e refrescos, etc.

4.ª Os criados devem ser educados para servir com esmero e correcção, preferindo o fato preto, ou no verão a jaleca branca, ás casacas que lhes dão a aparencia de ***gatos pingados***.

GUERRA MAIO.

AINDA O AVANÇO DA HORA

E' extraordinariamente phantastico o que se passa ainda n'este Paiz, ácerca do avanço da hora, que foi decretado desde 1 de Março. Então, no que respeita ao capitulo ***Recolha dos carros electricos***, ha tudo quanto de mais inconcebivel possa archítectar um cerebro humano. E as complicações em volta d'essa magna questão, são de tal ordem e de importancia tão transcendente, que até estão para ser apreciadas em conselho de Ministros!

— Mas, então, os decretos promulgados pelo governo não teem força de lei? não são de effeitos immediatos?

— Que ha de particular n'este capitulo para que se não cumpra uma medida, que foi tomada como inadiavel recurso?

Decreta-se a economia no dispendio de combustiveis, e os theatros, que recebem energia illuminante da Companhia do Gaz, ***que não tem um bago de carvão***, continuam a servir-se da luz como se estivessemos em situação normal; e os electricos, alimentados por energia propria ***e tendo a Companhia provisão de carvão para mais de um anno***, são prohibidos de circular depois das vinte e trez e meia, isto é — todas as carreiras terminam meia hora antes de findar os espectaculos.

Decididamente, isto é um Paiz virado de pernas para o ar... Tudo ás avessas, tudo ao contrario, tudo em sentido inverso...

Será, talvez, melhor, para que todos nos entendamos, decretar-se a comprehensão contraria das palavras, pois crêmos que será esta a forma de não haver conflitos n'esta patusca babylonia...

*

Tinhamos escripto o que acima se lê para ser publicado no ultimo numero, não tendo, porem, sahido por falta de espaço. A accrescentar só temos que... o gaz se extinguiu por completo, sendo a illuminação feita a petroleo.

As novas carruagens da Companhia da Beira Alta

EMBORA lentamente, vae-se modernisando o material de passageiros das nossas linhas ferreas, que de resto bem preciso é, visto o nosso paiz querer viver do turismo, e este não se fazer sem comodidades.

A linha da Beira Alta, que dá passagem ao ***Sud Express***, é, por assim dizer, a linha internacional por excelencia, e comprehendendo-o assim a sua Direcção, ha uns anos que vem modernisando o seu material de passageiros, renovando com carris mais pesados, a sua linha, para que os comboios possam dispender maiores velocidades.

Ha tempos adquiriu em França 3 magnificas carruagens de ***bogies*** mixtas de 1.ª e 2.ª classe destinadas ao seu comboio internacional, infelizmente, como o ***Sud Express***, agora suspensos; e não ficou por aqui, tratou, de, nas suas oficinas da Figueira da Foz, fazer novas carruagens para os outros comboios para que os passageiros pudessem gosar de uma certa comodidade.

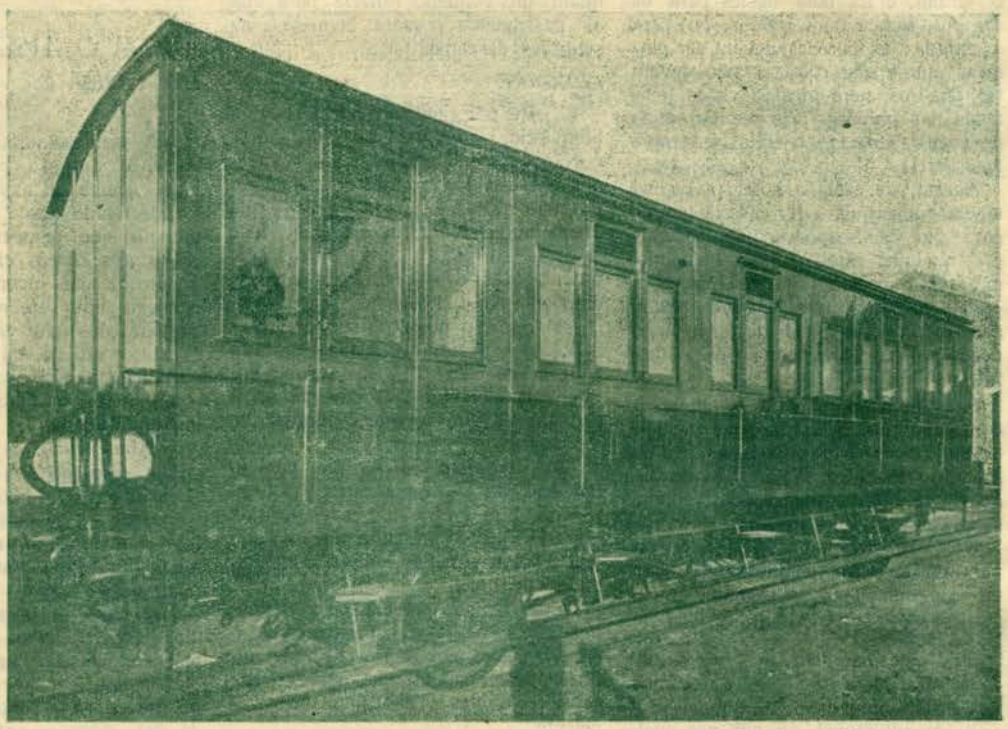
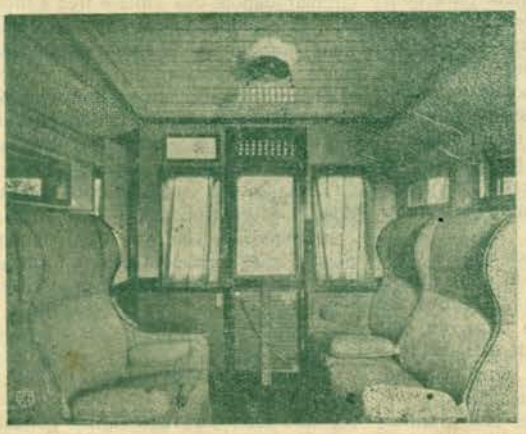
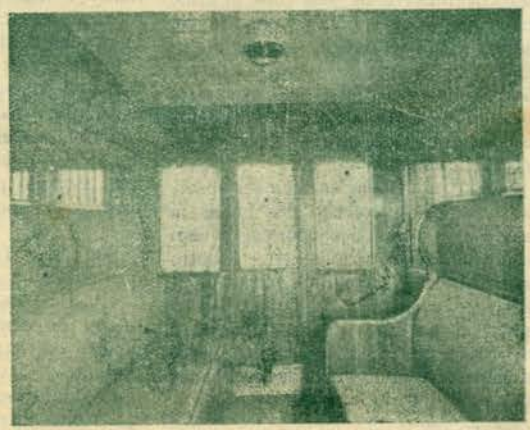
As carruagens de que damos a gravura são, mixtas de 1.ª e 2.ª classe, e teem dois compartimentos de 1.ª com 13 logares e trez de 2.ª com 25.

Os assentos e estofos de 1.ª classe são forrados com veludo encarnado de relevo, sendo os logares divididos por braçadeiras, e os de 2.ª, igualmente estofados, e com molas, são revestidos de fazenda de crina.

Os compartimentos estão isolados do corredor, que é lateral, por portas de vidro de correr, e a retrete ao centro da carruagem é provida de lavatorio, espelho, e ladrilhada de mosaico.

A iluminação é de acitilenio e o aquecimento é de termo-cifão.

Pelas gravuras dos compartimentos de 1.ª e 2.ª classe, avalia-se bem o seu conforto.

A excelencia d'este material deve-se, sem duvida, ao engenheiro que dirige as oficinas da Figueira da Foz, o nosso amigo sr. Eugenio Amaral, que tem empregado toda a sua boa vontade em o modernisar.

Andam já duas destas carruagens em circulação e está-se concluindo a construcção de outra, e bem assim inciada a construcção de mais carruagens d'este typo.